

2025



UAc.bam  
BIBLIOTECA, ARQUIVO E MUSEU  
UNIVERSIDADE DOS AÇORES

# Documento do mês

## - Dezembro -



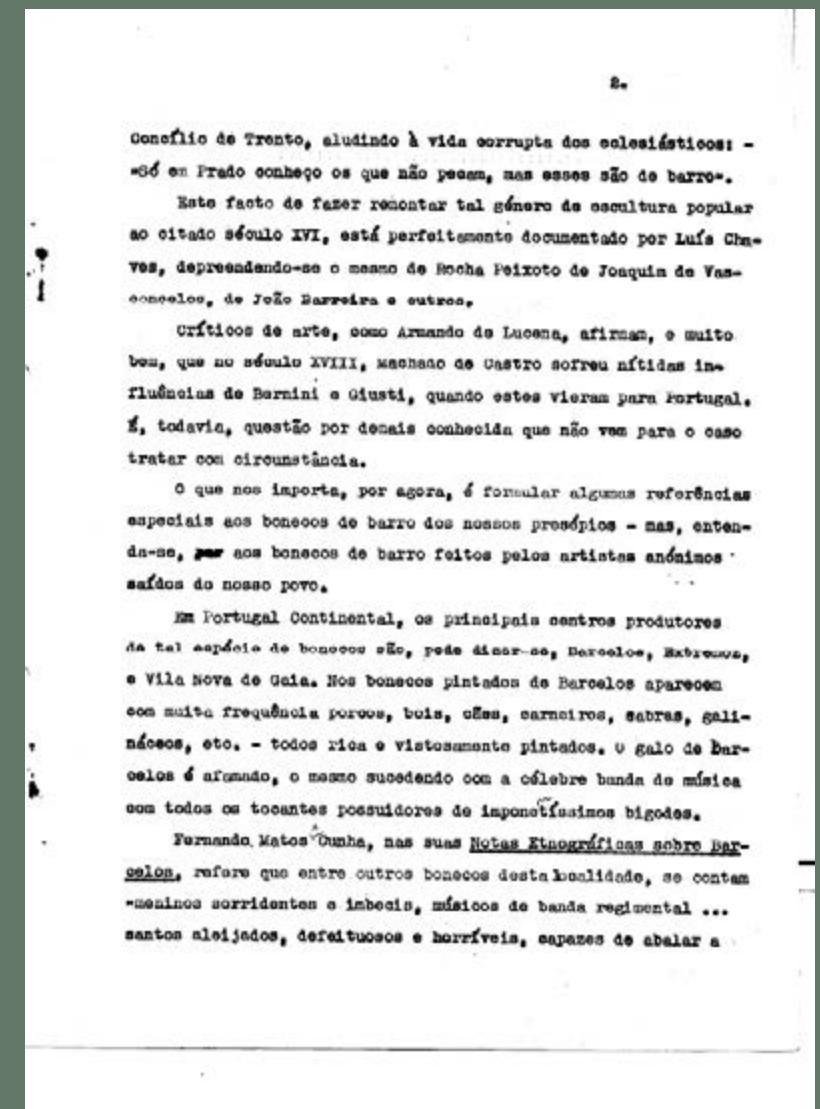
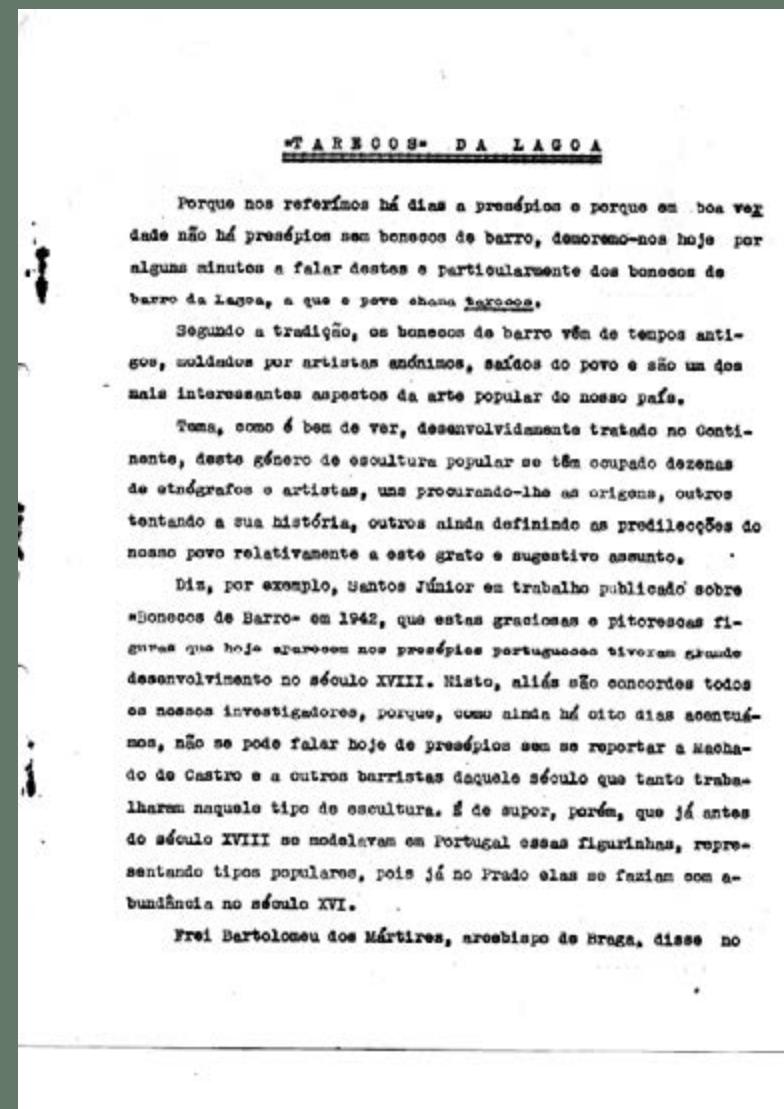
[Presépio] / Francisco Carreiro da Costa

Tinta da china sobre papel

Arquivo Francisco Carreiro da Costa, MAV - 1656



O(s) documento(s) deste mês de Natal refere(m)-se a uma tradição enraizada nos costumes do povo açoriano aquando da montagem do presépio – a utilização dos “tarecos” de barro originários da agora cidade de Lagoa, que se distinguem dos bonecos do continente com a mesma função por apresentarem trajes típicos dos Açores. Apresentamos um desenho de Francisco Carreiro da Costa em que estão representadas figuras características dos nossos presépios e uma palestra radiofónica, proferida pelo mesmo a 19 de dezembro de 1947, sobre os “tarecos” e bonecreiros que os criam.



ré mais robusta.

Dos bonecos de Extremoz fala-nos Virgílio Correia e Sébastião Pessanha na revista "Terra Portuguesa" e Luís Chaves, principalmente no seu livro "Os baristas portugueses - nas escolas e no povo". Uns e outros referem-se à mulher que assa castanhas; à que fia na rosa; à que ancha os chouriços; ao pedreiro ou cima da mula; ao pastor alentejano; ao janota; ao leiteiro, aos camponeses de colarinho alto, etc., etc., bem assim à "ruga para o Egípcio" e aos três Reis Magos.

Relativamente aos bonecos de Gaia, podemos colher elementos curiosos através da leitura, por exemplo, de um trabalho de Severo Portela, intitulado - "As cascatas" - Nôtaras de Mtnografia Portuguesa e em que este investigador se refere aos mascates ou bonecos de cascata que são vendidos nas feiras por uma ninharia, representando costumes e profissões.

Quanto aos Açores e particularmente à ilha de S. Miguel é difícil precisar-se a época em que começam a modelar-se os bonecos de barro regionais. Naturalmente, na segunda metade do século XVIII, em seguida ao aparecimento em que terras açorianas dos presépios e das larinhas que abundavam, como no Continente, pelos Conventos, igrejas e casas ricas. De momento, não podemos precisar do mesmo modo a data precisa a que remontarão os bone-

cos de barro da Lagoa, conhecidos pela designação de tarecos. Possivelmente só conseguiram a ser modelados e moldados, depois de naquela vila se haverem instalado as fábricas de loiça, facto que está provado - visto despertar no meio as mais acentuadas tendências artísticas.

Não certo que já antes de 1808 - data em que se fundou a primeira fábrica de cerâmica - havia na vila da Lagoa antigas larinhas dentro de velhos oratórios, é de supor no entanto que até ali não existisse ninguém que se ocupasse da confecção dos bonecos de barro. Só nos fins do século passado apareceram, portanto, naquela vila, algumas curiosas a entregarem-se a este género de trabalho, modelando o barro e pintando-o depois segundo o gosto de cada um.

Então, como agora, os bonecos de barro da Lagoa, faziam-se, depois de modelado uma figura, dustulosa com o auxílio de formas de gesso, constituídas por duas partes que se justapõem e dentro das quais se coloca o barro. Apertadas as duas partes do molde e retiradas depois, o barro aparece com a forma da figura respetiva - figura esta que é depois aperfeiçoada - irreda, na linguagem típica - pelo artista e em seguida posta ao ar e ao sol para secar. Só depois de bem seca, é que a pequena escultura é pintada - operação em que o artista põe o melhor do seu gosto e do seu esmero.

Os tarecos da Lagoa priaram sempre por bem acabados, apresentando todos eles pormenores muito curiosos, como as franjas das saias, as rendas dos vestidos, os botões das camisas, a car-

nação e o colorido das faces, etc.

Se é certo que os bonecos de barro, da Lagoa, têm, algumas delas manifestas influências dos do continente, dado o traje que muitas apresentam, não é, menos certo também que muitas deles são a representação fidelíssima dos nossos costumes tradicionais. Vemos-as na vista a mulher do copote, o homem de sarapeça, o pescador a pescar, as mulheres com as talhas, a lavadeira a lavar, a velha com a galinha debaixo do braço, etc. etc.,

Uma variedade de bonecos se faz hoje na Lagoa. Não falando já das figuras da lapinha, isto é, de S. José, Nossa Senhora, menino Jesus, mulinha e vaquinha tão típicas, daquela vila, não só os tarecos já ~~sabem~~ referidos, como também as mulas d'ceirão, as vacas deitadas, as ovelhas, os galos e as galinhas, a mulher com o cesto de ovos à cabeça e aquela outra com a criança ao colo, os homens do realejo e da viola, a mulher que toca rabeca, a pastora reclinada sobre uma fraga, os pastores com ovelhas às costas, o noivo e a noiva, o padre e o sacristão etc. etc. todos de vários tamanhos, pois há-os desde seis até treze centímetros de altura.

Vários "artistas" tem havido na vila da Lagoa cuja arte se tem revelado através dos bonecos de barro.

No primeiro lugar temos notícia do tio José Rombil - bom velho que não chegava a conhecer o que se ocupava a entear os santos das várias igrejas e casas particulares. Da sua oficina, segundo nos informam saíram cuidados tarecos, pintados e preceitos com um tal equilíbrio de obras que ainda hoje causam a nossa ad-

miração, conforme podemos verificar através algumas dessas figurinhas que possuímos.

Também foi também e com muita habilidade o José Rodrigues Carreira que pelo menos há mais de quarenta - partiu para a América onde se instalou com oficina de Santo António. Os seus bonecos, porém, constituem pequenas obras de arte, tal o mistério e a graça que nãos se puderam.

Já do nosso tempo foi o Mestre Manuel d'Almeida, que morava na rua da Fábrica. Simpático velhinho que chegamos a conhecer, Mestre Manuel d'Almeida possuía uma coleção riquíssima de formas - e os bonecos saídos da sua oficina eram um encanto.

E dêle a maioria dos bonecos que hoje se vêem nos mais conhecidos presépios da Lagoa.

Do nosso tempo foi artista também neste capítulo o Sr. Henrique, com loja na rua do Rosário homem espíritooso e contumaz nas suas críticas que fora por vezes juiz de paz. Os seus bonecos eram todavia autênticos berrões, dada a falta de gosto - digamos - havida na combinação das cores. O seu "atelier" era a sua própria loja - e porque os fazia e pintava à vista de toda a gente, no balcão do estabelecimento - o seu trabalho constituía para a criançada do tempo um entretenimento agradável.

José Custódio, antigo sacristão do Rosário, tinha também muito gosto para este género de trabalhos. Conseguia produzir muito todos os anos, mas os seus bonecos apesar de mais bem acabados do que os do Sr. Henrique, nunca chegaram a igualar-se aos do mestre Manuel d'Almeida.

5.

cos de barro da Lagoa, conhecidos pela designação de tarecos. Possivelmente só conseguiram a ser modelados e moldados, depois de naquela vila se haverem instalado as fábricas de loiça, facto que está provado - visto despertar no meio as mais acentuadas tendências artísticas.

Não certo que já antes de 1808 - data em que se fundou a primeira fábrica de cerâmica - havia na vila da Lagoa antigas larinhas dentro de velhos oratórios, é de supor no entanto que até ali não existisse ninguém que se ocupasse da confecção dos bonecos de barro. Só nos fins do século passado apareceram, portanto, naquela vila, algumas curiosas a entregarem-se a este género de trabalho, modelando o barro e pintando-o depois segundo o gosto de cada um.

Então, como agora, os bonecos de barro da Lagoa, faziam-se, depois de modelado uma figura, dustulosa com o auxílio de formas de gesso, constituídas por duas partes que se justapõem e dentro das quais se coloca o barro. Apertadas as duas partes do molde e retiradas depois, o barro aparece com a forma da figura respetiva - figura esta que é depois aperfeiçoada - irreda, na linguagem típica - pelo artista e em seguida posta ao ar e ao sol para secar. Só depois de bem seca, é que a pequena escultura é pintada - operação em que o artista põe o melhor do seu gosto e do seu esmero.

Os tarecos da Lagoa priaram sempre por bem acabados, apresentando todos eles pormenores muito curiosos, como as franjas das saias, as rendas dos vestidos, os botões das camisas, a car-

6.

As formas destes ditinos passaram por sua morte para a posse dum dos filhos cuja esposa, se revelou nos últimos anos uma verdadeira artista. São desta senhora, pode dizer-se, todos os bonecos de barro da Lagoa, que têm aparecido litigiosamente no nosso mercado, por este tempo, e que são bem dignos da nossa admiração porque, todos elos, com exceção, têm um acabamento muito cuidado.

Outras pessoas ainda se ocuparam e ocupam na confecção de bonecos de barro, mas são estes os que mais se têm evidenciado neste capítulo da arte popular de S. Miguel.

Trata-se, pois de mais uma manifestação artística da gente micaelense, cuja evocação nas vésperas da Festa do Natal não se corta tanto de todo ociosa, pedindo a atenção de quantos nos escutam para a riqueza, para o encanto, e para o pitoresco sempre grato das nossas tradições populares.

7.

## "TARECOS" DA LAGOA

Porque nos referíamos há dias a presépios e porque em boa verdade não há presépios sem bonecos de barro, demoremo-nos hoje por alguns minutos a falar destes e particularmente dos bonecos de barro da Lagoa, a que o povo chama tarecos.

Segundo a tradição, os bonecos de barro vêm de tempos antigos, moldados por artistas anónimos, saídos do povo e são um dos mais interessantes aspectos da arte popular do nosso país.

Tema, como é bem de ver, desenvolvidamente tratado no Continente, deste género de escultura popular se têm ocupado dezenas de etnógrafos e artistas, uns procurando-lhe as origens, outros tentando a sua história, outros ainda definindo as predileções do nosso povo relativamente a este grato e sugestivo assunto.

Diz, por exemplo, Santos Júnior em trabalho publicado sobre "Bonecos de Barro" em 1942, que estas graciosas e pitorescas figuras que hoje aparecem nos presépios portugueses tiveram grande desenvolvimento no século XVIII. Nisto, aliás são concordes todos os nossos investigadores, porque, como ainda há oito dias acentuámos, não se pode falar hoje de presépios sem se reportar a Machado de Castro e a outros barristas daquele século que tanto trabalharam naquele tipo de escultura. É de supor, porém, que já antes do século XVIII se modelavam em Portugal essas figurinhas, representando tipos populares, pois já no Prado elas se faziam com abundância no século XVI.

Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, disse no Concílio de Trento, aludindo à vida corrupta dos eclesiásticos: - "Só em Prado conheço os que não pecam, mas esses são de barro".

Este facto de fazer remontar tal género de escultura popular ao citado século XVI, está perfeitamente documentado por Luís Chaves, depreendendo-se o mesmo de Rocha Peixoto de Joaquim de Vasconcelos, de João Barreira e outros.

Críticos de arte, como Armando de Lucena, afirmam, e muito bem, que no século XVIII, Machado de Castro sofreu nítidas influências de Bernini e Giusti, quando estes vieram para Portugal. É, todavia, questão por demais conhecida que não vem para o caso tratar com circunstância.

O que nos importa, por agora, é formular algumas referências especiais aos bonecos de barro dos nossos presépios – mas, entenda-se, aos bonecos de barro feitos pelos artistas anónimos saídos do nosso povo.

Em Portugal Continental, os principais centros produtores de tal espécie de bonecos são, pode dizer-se, Barcelos, Estremoz, e Vila Nova de Gaia. Nos bonecos pintados de Barcelos aparecem com muita frequência porcos, bois, cães, carneiros, cabras, galináceos, etc. – todos rica e vistosamente pintados. O galo de Barcelos é afamado, o mesmo sucedendo com a célebre banda de música com todos os tocantes possuidores de imponentíssimos bigodes.

Fernanda Matos e Cunha, nas suas Notas etnográficas sobre Barcelos, refere que entre outros bonecos desta localidade, de contam "meninos sorridentes e imbecis, músicos de banda regimental ... santos aleijados, defeituosos e horríveis, capazes de abalar a fé mais robusta."



Dos bonecos de Estremoz fala-nos (sic) Virgílio Correia e Sebastião Pessanha na revista "Terra portuguesa" e Luís Chaves, principalmente no seu livro "Os barristas portugueses – nas escolas e no povo. Uns e outros referem-se à mulher que assa castanhas; à que fica na roca; à que enche os chouriços; ao padre em cima da mula; ao pastor alentejano; ao janota; ao leiteiro, aos camponeses de colarinho alto, etc. etc., bem assim à "fuga para o Egipto" e aos três Reis Magos.

Relativamente aos bonecos de Gaia, podemos colher elementos curiosos através da leitura, por exemplo, de um trabalho de Severo Portela, intitulado – "As cascatas – nótulas de etnografia portuense e em que este investigador se refere aos mascatos ou bonecos de cascata que são vendidos nas feiras por uma ninharia, representando costumes e profissões.

Quanto aos Açores e particularmente à ilha de S. Miguel é difícil precisar-se a época em que começam a modelar-se os bonecos de barro regionais. Naturalmente, na segunda metade do século XVIII, em seguida ao aparecimento em que (sic) terras micaelenses dos presépios e das lapinhas que abundavam, como no Continente, pelos conventos, igrejas e casas ricas. De momento, não podemos precisar do mesmo modo a data precisa a que remontarão os bonecos de barro da Lagoa, conhecidos pela designação de tarecos. Possivelmente só começaram a ser modelados e moldados, depois de naquela vila se haverem instalado as fábricas de loiça, facto que - está provado – veio despertar no meio as mais acentuadas tendências artísticas.

Sendo certo que já antes de 1862 – data em que se fundou a primeira fábrica de cerâmica – havia na vila da Lagoa antigas lapinhas dentro de velhos oratórios, é de supor no entanto que até ali não existisse ninguém que se ocupasse da confecção dos bonecos de barro. Só nos fins do século passado apareceram, portanto, naquela vila, alguns curiosos a entregarem-se a este género de trabalho, modelando o barro e pintando-o depois segundo o gosto de cada um.

Então, como agora, os bonecos de barro da Lagoa, faziam-se, depois de modelado uma figura, com o auxílio de formas de gesso, constituídas por duas partes que se justapõem e dentro dos quais se coloca o barro. Apertadas as duas partes do molde e retiradas depois, o barro aparece com a forma da figura respectiva – figura esta que é depois aperfeiçoada – fretada, na linguagem típica – pelo artista e em seguida posta ao ar e ao sol para secar. Só depois de bem seca, é que a pequena escultura é pintada – operação em que o artista põe o melhor do seu gosto e do seu esmero.

Os tarecos da Lagoa primaram sempre por bem acabados, apresentando todos eles pormenores muito curiosos, como as franjas das saias, as rendas dos vestidos, os botões das camisas, a carnacção e o colorido das faces, etc.

Se é certo que os bonecos de barro, da Lagoa, têm, alguns deles manifestas influências dos do continente, dado o trajo que muitos apresentam, não é, menos certo também que muitos deles são a representação fidelíssima dos nossos costumes tradicionais. Tenhamos em vista a mulher de capote, o homem de carapuça, o pescador a pescar, as mulheres com as talhas, a lavadeira a lavar, a velha com a galinha debaixo do braço, etc. etc.



Uma variedade de bonecos se faz hoje na Lagoa. Não falando já das figuras da lapinha, isto é, de S. José, Nossa Senhora, Menino Jesus, mulinha e vaquinha são típicos, daquela vila, não só os tarecos já referidos, como também as mulas de ceirão, as vacas deitadas, as ovelhas, os galos e as galinhas, a mulher com o cesto de ovos à cabeça e aquela outra com a criança ao colo, os homens do realejo e da viola, a mulher que toca rebeca, a pastora reclinada sobre uma fraga, os pastores com ovelhas às costas, o noivo e a noiva, o padre e o sacristão etc. etc. todos de vários tamanhos, pois há-os desde seis até treze centímetros de estatura.

Vários “artistas” tem havido na vila da Lagoa cuja arte se tem revelado através dos bonecos de barro.

Em primeiro lugar temos notícia do tio José Pombal – bom velho que não chegamos a conhecer e que se ocupava a encarnar santos das várias igrejas e casas particulares. Da sua oficina, segundo nos informam saíram cuidados tarecos, pintados a preceito com um tal equilíbrio de cores que ainda causam a nossa admiração, conforme podemos verificar através de algumas dessas figurinhas que possuímos.

Tarequeiro o foi também e com muita habilidade o José Rodrigues Carroça que pelo menos há mais de quarenta – partiu para a América onde se instalou com oficina de santeiro. Os seus bonecos, porém, constituem pequenos obras de arte, tal o mimo e a graça que neles se puseram.

Já do nosso tempo foi o Mestre Manuel de Almeida, que morava na rua da Fábrica. Simpático velhinho que chegamos a conhecer, Mestre Manuel de Almeida possuía uma coleção riquíssima de formas – e os bonecos saídos da sua oficina eram um encanto.

É dele a maioria dos bonecos que hoje se vêm nos mais conhecidos presépios da Lagoa.

Do nosso tempo foi artista também neste capítulo o Sr. Henrique, com loja na rua do Rosário homem espiritioso e contundente nas suas críticas que fora por vezes juiz de paz. Os seus bonecos eram todavia autênticos borrões, dada a falta de gosto – digamos – havida na combinação das cores. O seu “atelier” era a sua própria loja – e porque os fazia e pintava à vista de toda a gente, no balcão do estabelecimento – o seu trabalho constituía para a criançada do tempo um entretenimento agradável.

José Custódio, antigo sacristão do Rosário, tinha também muito jeito para este género de trabalhos. Conseguia produzir muito todos os anos, mas os seus bonecos apesar de mais bem acabados do que os do Sr. Henrique, nunca chegaram a igualar-se aos do Mestre Manuel de Almeida.

As formas deste último passaram por sua morte para a posse dum dos filhos cuja esposa, se revelou nos últimos anos uma verdadeira artista. São desta senhora, pode dizer-se, todos os bonecos de barro da Lagoa, que têm aparecido ultimamente no nosso mercado, por este tempo, e que são bem dignos da nossa admiração porque, todos eles, sem exceção, têm um acabamento muito cuidado.

Outras pessoas ainda se ocuparam e ocupam na confecção de bonecos de barro, mas são estes os que mais se têm evidenciado neste capítulo de arte popular de S. Miguel.

Trata-se, pois de mais uma manifestação artística da gente micaelense, cuja evocação nas vésperas da Festa do Natal não será certamente de todo ociosa, pedindo a atenção de quantos nos escutam para a riqueza, para o encanto, e para o pitoresco sempre grato das nossas tradições populares.

(Transcrição de Arquivo Francisco Carreiro da Costa, Palestras Radiofónicas, Vol. III)

